

Apresentação

Introduction

Thiago Eustáquio Araújo Mota

Os debates sobre o Mediterrâneo e suas conectividades, que dominaram a pauta dos Estudos Clássicos nas últimas três décadas, trouxeram à tona o tema das viagens e das mobilidades. Trabalhos como os de Jean-Marie André e Marie-Françoise Baslez (1993), *Voyager dans l'Antiquité*, Ray Laurence (1999); *The Roads of Roman Italy: Mobility and Cultural Change*; Collin Adams e Ray Laurence (2001), *Travel and Geography in the Roman Empire*; e a coletânea organizada por Philip Harland (2010), *Travel and Religion in Antiquity*, são um reflexo desse interesse.

Em tempos de pandemia, isolamento social e fechamento de fronteiras, muitos se ressentem da limitação dos deslocamentos, uma vez que as viagens são produtoras de memórias, engendram narrativas, fortalecem laços sociais e ampliam as experiências sensoriais. Na Antiguidade, as viagens eram empreendidas pelos mais diversos motivos. Viajava-se para obter conhecimento do outro e de si mesmo e, principalmente, por imperativo econômico ou de sobrevivência. Expedições eram organizadas em busca de metais, aquisição de grãos ou terras férteis para a fundação de *apoikiai* e *emporia*. Viajava-se também para consultar os deuses, através de oráculos, e obter algum tipo de orientação sobre o futuro ou cura religiosa. Santuários como Delfos, Dodona, Epidauro e Olímpia atraíram visitantes de todo o Mediterrâneo, principalmente por ocasião dos festivais e competições. Entre as elites, a literatura e a erudição alimentaram o interesse pelos monumentos do passado e uma espécie de "roteiro arqueológico" surgiu em torno de Ílion e das edificações egípcias. Alexandre, o Grande e, posteriormente, alguns imperadores romanos se deslocaram até o sítio de Troia com a esperança de contemplarem as ruínas da cidade de Príamo.

As viagens ao desconhecido serviram também de mote para as narrativas heroicas, como a expedição dos Argonautas à Cólquida, os Trabalhos de Hércules, "herói protetor da humanidade", e o ciclo dos *nostoi* ou os "regressos" daqueles que combateram em Tróia. Odisseu é descrito como o herói que deseja o retorno, mas também como aquele "que viu cidades e conheceu os costumes de muitos mortais" em suas andanças (Homero, *Odyssea*, I, 3). No Período Clássico grego, a descrição sistemática de costumes (bárbaros e helênicos) e de paisagens foi incorporada ao gênero historiográfico. Como forma de

legitimar seu relato, Heródoto afirma que “visitou os locais dos eventos”, “viu” e “coletou depoimentos”. No período romano, Estrabão (64 a.C-24) e, posteriormente, Pausânias (110-180) publicaram trabalhos de extensão monumental a partir de suas memórias de viagem.

Além de informações sobre a organização econômica e social de várias partes do Mediterrâneo e suas fronteiras, essas obras revelam indícios da mecânica de fabricação do outro sob o olhar do viajante. Susan Sontag (2020, p. 315-316), em um de seus ensaios literários, ressalta que os livros de viagem para locais exóticos sempre opuseram um “nós” a um “eles”, logo, falar sob a máscara do viajante, um observador profissional (ou mesmo amador), era falar em nome da civilização.

Pouco suscetível ao regime das marés, cortada por penínsulas e ilhas, a geografia mediterrânica favoreceu as navegações (GUARINELLO, 2014, p. 50). Por razão de comodidade e segurança, mesmo os percursos menores, quando possível, eram percorridos de barco. Porém, nada havia de surpreendente nas tecnologias de transporte da Antiguidade: além dos carros de tração animal, as embarcações, mesmo as de grande tonelagem, não eram completamente independentes da força dos remos. Apesar de facilitarem o escoamento de mercadorias e o rápido deslocamento de tropas, as estradas do período romano não ofereciam segurança aos simples transeuntes. Pelo viés do fantástico e do maravilhoso, obras como o *Satíricon*, de Petrônio (27-66) e o *Asno de Ouro*, de Apuleio de Madaura (120-170) traduzem alguns dos infortúnios dos viajantes, tais como ladrões, salteadores, piratas e mercadores de escravos.

A partir dessas possibilidades e reflexões, este dossiê de *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos* tem como proposta contemplar o rico e instigante tema das viagens, expedições e itinerários, tendo em vista o recorte do Mediterrâneo antigo. Pretende suscitar interesse acadêmico com base em pesquisas e inquietações de estudiosos sobre o tema.

Referências

- ADAMS, C.; LAURENCE, R. *Travel and geography in the Roman Empire*. London: Routledge, 2001.
- BASLEZ, M.-F.; ANDRÉ, J.-M. *Voyager dans l'Antiquité*. Paris: Fayard, 1993.
- GUARINELLO, N. L. *História Antiga*. São Paulo: Contexto, 2014.
- HARLAND, P. A. *Travel and religion in Antiquity*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 2010.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2014.
- LAURENCE, R. *The roads of Roman Italy: mobility and cultural change*. London: Routledge, 1999.
- SONTAG, S. *Questão de ênfase*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020.